

A116273



A velha Igreja dos Reis Magos, tombada mas abandonada

Nova Almeida: ex-Comarca e hoje no esquecimento

Se fosse possível, por um milagre qualquer, uma pessoa viajar de uma época para outra na história, e se esse alguém fosse um morador de Nova Almeida dos anos 20 que viesse para a atualidade, o mínimo que esse passageiro do tempo sentiria seria um enorme espanto.

Isso porque entre a Nova Almeida do passado e a atual, as diferenças são mais profundas do que as ocorridas nesse espaço de tempo em localidades semelhantes. Dois contrastes causariam um espanto maior: a decadência do lugar que de sede de Comarca, passou a bairro esquecido pelos poderes públicos; e a mudança da vocação econômica, pois o pescadeiro e a lavoura, o forte do passado, deram lugar ao turismo — principalmente de Minas — hoje a maior fonte de renda do lugar.

MUITOS NOMES

“Naquele tempo era bom porque tínhamos juiz, promotor, coletoria, mas hoje é que está melhor — recorda, um pouco nostálgico, o mais idoso dos moradores, Joaquim Vicente Pereira, 90 anos (nasceu em 1894) que é uma memória viva do lugar.

O **naquele tempo de Seu Joaquim** é o final dos anos 10/início dos anos 20, quando Nova Almeida era sede de Comarca, uma situação que durou até 1921. A partir daí, veio a decadência, em parte acelerada pelas constantes mudanças do Município do qual Nova Almeida fazia parte.

A sede da Comarca, em 1921, passou a ser Timbuí, ao qual Nova Almeida se subordinou, depois, passou a fazer parte de Fundão, até que houve um troca-troca entre a Serra e Fundão. A Serra cedeu um pedaço perto de onde é, hoje, a sede do Fundão, e recebeu em troca Nova Almeida.

Essa troca de nomes e de situação, por sinal, já não era uma novidade para os habitantes, pois desde a colonização pelos jesuítas, por volta de 1580, o lugar chamou-se sucessivamente, Aldeia Velha, Aldeamento dos Reis Magos e Vila Nova, até chegar a Nova Almeida por causa de uma família Almeida, que tinha grandes extensões de terras onde é hoje o centro da localidade.

A colonização jesuíta deixou marcas fortes na localidade, desde a Igreja dos Reis Magos, tombada pelo Patrocínio Histórico, passando pelo nome do Rio Reis Magos até uma rua e vários estabelecimentos comerciais que também adotam o nome da igreja.



TURISMO

Os primeiros turistas começaram a aparecer na década de 40, mais precisamente em 1944. “Foi a família Ari Santos”, — lembra-se o administrador regional Aureliano Vicente Pereira (filho de **Seu Joaquim**). Até então, não havia nem luz de motor, que só foi instalado em 1950, pelo então prefeito da Serra, Rômulo Leão Castelo. Em 1954, foi instalado, na gestão de Juraci Borges Miguel, um motor melhor, e a luz elétrica normal só chegou em 1958, na administração de Nali Miranda.

Não por simples coincidência, é também da época da instalação da rede elétrica a chegada dos primeiros turistas mineiros, presentes hoje em dia em quase todo o litoral capixaba. A partir daí, Nova Almeida voltou a encontrar, no turismo, uma nova vocação econômica, livrando-se da dependência de uma incipiente lavoura — hoje apenas de subsistência — e da pesca.

A preocupação dos moradores atualmente é fazer com que a cidade fique em condições de atrair cada vez mais os turistas, de Minas ou mesmo do Estado. O principal problema já tem, que é “uma natureza bonita com boas praias e um rio que, desembocando no mar, torna o litoral mais atraente ainda.

Os dois maiores problemas, para os turistas são a falta d'água e a luz que, nas temporadas de férias, fica tão fraca que não dá nem para ter eletrodomésticos. A água cai dia sim, dia não, e apenas por meia hora, uma situação que o Governo do Estado só prometeu acabar em 1985.

TRANSFORMAÇÕES

Hoje, os moradores reclamam que a Igreja — construída em 1580 e onde foi pintado, pelo frei Antônio, o primeiro quadro a óleo no Brasil — está com toda a estrutura de madeira podre, apesar de promessas de um grupo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), de restaurar o monumento.

Na memória de **Seu Joaquim**, uma parte substancial da história de Nova Almeida ainda está bastante presente, apesar dos seus 90 anos. Ele se lembra, por exemplo, de que a sustentação econômica vinha da lavoura — onde ele próprio trabalhou durante muito tempo — e da pesca.

A primeira grande transformação ocorreu em 1921, com a mudança da sede da Comarca. "Eram tempos difíceis" — recorda **Seu Joaquim** — "porque a mercadoria só chegava aqui por barco. Não havia estrada, nem qualquer outro meio de transporte. Isso aqui era só um arraial com uns quatro ou cinco comerciantes: Ermínio Costa, Joaquim de Almeida Motta, Francisco Bermudes e o coronel Joaquim Rodrigues Bermudes, que era um dos chefes políticos da época".

A outra grande transformação — desta vez — para melhor — foi em 1933, com a inauguração da ponte ligando Nova Almeida à região de Fundão e Aracruz. Na época não havia ligação com Vitória, a não ser pelo mar.

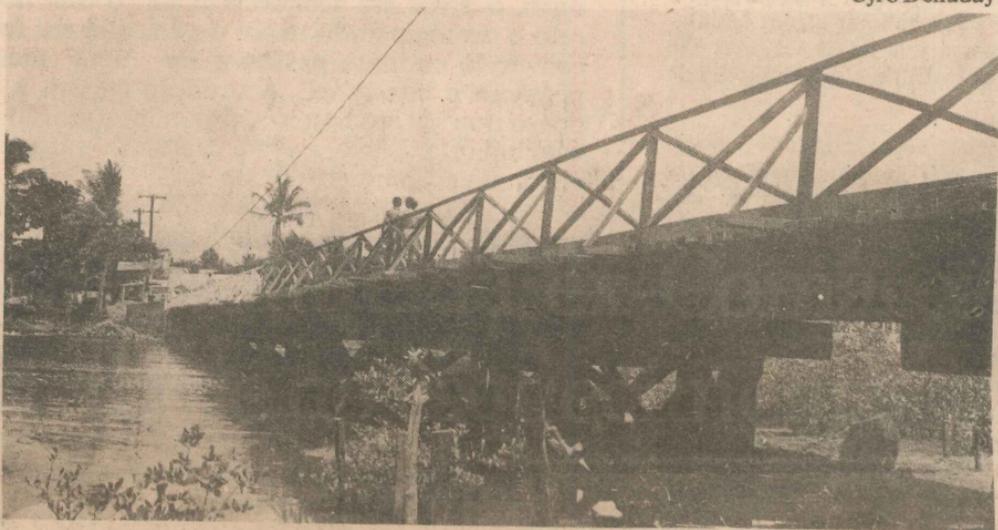
Para a população fixa (7.549 segundo o Censo de 1980) os problemas são esses e outros mais. A maior queixa é a ausência de escolas em número suficiente, já que Nova Almeida só conta com duas: uma municipal da 1ª à 8ª, e outra estadual, apenas até a quarta. Com um grande contingente de analfabetos (em 80, eram 3.199 pessoas) os moradores querem que a escola estadual tenha também da 5ª à 8ª série, para evitar que uma parte dos jovens tenha de ir estudar fora, gastando com isso muito dinheiro em passagem.

O transporte, por sinal, é outro problema sério, porque, além de caro, é altamente irregular, com poucos ônibus para atender às necessidades dos moradores, principalmente de noite.

O administrador regional Aureliano Vicente Pereira, confia numa obra que será feita na orla marítima para mudar a paisagem do centro de Nova Almeida. Será demolida a banca de peixes, construída pela Prefeitura, para dar lugar a uma maior, mais higiênica.

Outro problema sério é a ponte de madeira que, de tempos em tempos, fica intransitável. O Governo prometeu começar a construir uma nova em abril, porque, de acordo com os levantamentos feitos, recentemente, só resistiu seis meses.

Cyro Denaday



A ponte de madeira continua sendo um desafio às administrações